



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO JEQUITINHONHA E MUCURI
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ELANI FERREIRA DA CRUZ

**UM PANORAMA SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS NO CONTEXTO
BRASILEIRO: DA TEORIA AOS ÍNDICES OFICIAIS**

DIAMANTINA – MG

2023

ELANI FERREIRA DA CRUZ

**UM PANORAMA SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS NO CONTEXTO
BRASILEIRO: DA TEORIA AOS ÍNDICES OFICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção do Diploma de
Graduação em Licenciatura em
Pedagogia, à Universidade Federal dos
Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Silva
de Castro

DIAMANTINA – MG


2023

ELANI FERREIRA DA CRUZ


**UM PANORAMA SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS NO CONTEXTO
BRASILEIRO: DA TEORIA AOS ÍNDICES OFICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:


Prof. Dr. Carlos Henrique Silva de Castro (Orientador/UFVJM)

Documento assinado digitalmente
 CARLOS HENRIQUE SILVA DE CASTRO
Data: 10/08/2023 10:38:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. M.Sc. Thayna Luana Borges (DEAD /UFVJM)

Documento assinado digitalmente
 THAYNA LUANA BORGES
Data: 11/08/2023 19:14:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. M.Sc. Mauricio Teixeira Mendes (CEFET-MG)

Documento assinado digitalmente
 MAURICIO TEIXEIRA MENDES
Data: 11/08/2023 19:20:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Diamantina – MG, julho de 2023.

AGRADECIMENTOS

À Professora Adriana Assis.

À Professora Simone Grace de Paula.

Ao professor Manuel Bandeira dos Santos.

Ao professor Carlos Henrique Silva de Castro, por ser um orientador excelente comigo.

Aos amigos e colegas, Marina e Gustavo, que me apoiaram nas minhas dificuldades.

Aos meus familiares pelo apoio e compreensão.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

A partir da teoria dos letramentos, que diz respeito ao estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo ao apropriar-se da escrita, e os gêneros textuais de relevância para o contexto, considera-se importante realizar uma revisão de literatura sobre a temática. Assim, este trabalho traz estudos sobre alfabetização e letramento, bem como uma breve amostra dos indicadores oficiais em contexto brasileiro. Cremos que um trabalho dessa ordem pode contribuir para o entendimento das possíveis causas dos altos índices de analfabetismo, até mesmo do analfabetismo funcional, para, assim, instrumentalizar, ao menos teoricamente, professores para um trabalho mais eficiente na diminuição de estudantes nessa condição.

Palavras Chave: Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEFINIÇÕES	10
3. IMPORTÂNCIA DA CONSOLIDAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	9
4. DADOS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO BRASIL	12
5. A NECESSIDADE DA CONTINUIDADE DO LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	14
6. POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA A DEFASAGEM DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização e os letramentos são processos que merecem nossa atenção, tendo em vista os índices ruins de alfabetização no país. Esta pesquisadora, em seu exercício profissional como monitora de Inclusão em uma escola pública municipal do ensino fundamental I e II, no município de Contagem, no estado de Minas Gerais, recebia muitos pedidos de ajuda com tarefas de leitura e escrita, de estudantes não declarados de inclusão com necessidades especiais que, então, não estavam sob sua monitoria, mas sentiam-se seguros em pedir ajuda uma vez que compartilhavam o mesmo espaço, qual seja, a sala de aula, onde estava presente, também, a professora.

O que se entende por alfabetização tema cuja próxima seção se dedica a aprofundar, é, segundo Soares (2009), o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita em uma sociedade onde gêneros escritos têm grande relevância nas vidas de todos.

Soares (2009) diferencia esse conceito de alfabetização que, por sua vez, refere-se ao ato de se tornar “alfabetizado”, sem necessariamente atingir letramentos. Enquanto alfabetização refere-se a apenas decodificar a linguagem, letramento diz respeito a interpretá-la, dominá-la, utilizá-la na vida. Um aluno alfabetizado que compreende as histórias que lê e articula esse entendimento é uma pessoa com algum tipo de letramento. Há de se destacar que os níveis de letramentos são diferentes de acordo com os espaços sociais que as pessoas frequentam: o escritório, o bar, a universidade demandam tipos de letramentos deferentes, com gêneros diferentes, assim, são plurais (MARCUSCHI, 2001).

Diante dessa reflexão compreendemos a importância de saber ler e escrever nesse processo de ensino e aprendizagem escolar como aponta Soares (2009) ao falar do uso da língua em contexto de práticas sociais, condição para os letramentos se efetivarem. Na escola trata-se de um processo que envolve vários os conteúdos, e não apenas aqueles de línguas como português e inglês, pois entender texto tem a ver com entender concretamente as práticas que dependem deles para se realizarem. Em uma sociedade que tem alta presença de linguagem verbal, em textos diversos, os letramentos estão presentes no cotidiano, tem que ter habilidades de ler e escrever, não apenas o código, mas ler profundamente, criando ligações entre o que se lê e

referências claras da realidade, pois assim consegue-se interpretar o mundo. Os estudos do letramento chegam no Brasil em 1986. Freire (1963) dissertava sobre educação libertadora, na qual o indivíduo alfabetizado despertaria a consciência para as relações de opressão nos ambientes de trabalho e para as injustiças sociais existentes na sociedade. Uma educação crítica e libertadora dialoga com a teoria de letramentos, apesar de ter acontecido em uma época na qual os textos verbais não eram onipresentes como se tornou, sobretudo com a popularização da internet móvel. Sobre leitura e transformação, enfatiza Paulo Freire:

[...]a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele, sendo este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo ou “reescrevê-lo quer dizer de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13).

Nessa perspectiva, Freire incentiva a formação para a leitura crítica como meio de compreender a totalidade do mundo no qual o sujeito está inserido. Nesse processo de leitura crítica e letramentos, a partir da escola, principal agente formal da educação, está presente fortemente o componente de avaliação do conhecimento, em que se faz necessário levantar a importância da aprendizagem dos alunos em como usar, avaliar e criticar evidências, e mais especificamente, a capacidade de avaliar o conhecimento. Para Junqueira,

Se as crianças já começam com uma desvantagem de aprendizagem na fase inicial da vida escolar e a desmotivação de aprendizagem na fase inicial da sua vida escolar, esse gap tende a se agravar conforme avançam de ano. Porque se as crianças não aprendem a ler e a escrever direito, não aprendem outras disciplinas. Elas vão ficando cada vez mais defasadas, e isso gera uma bola de neve.” (JUNQUEIRA, 2016, p.1)

Diante dessa reflexão, compreendemos a importância de saber ler e escrever no processo de ensino e aprendizagem de qualquer conteúdo escolar, tanto na escola - que é nosso foco - quanto na vida fora dela. Isso se deve ao fato de vivermos em uma sociedade em que a linguagem verbal está amplamente presente. Assim, os letramentos estão presentes no cotidiano, em constante contato com diversos textos.

Os letramentos estão presentes no cotidiano de todos os seres humanos, em contato constante com textos diversos. Ter habilidades de leitura e escrita, além de outras que auxiliam na compreensão, como a leitura de elementos não verbais,

conforme citado por Freire (2015), é uma necessidade para que se possa interpretar o mundo ao nosso redor.

Diante dessas problemáticas, quais seriam, então, os fatores que auxiliam no letramento e na alfabetização no ensino fundamental? Esta pesquisa atua social e culturalmente para entender o que realmente significa ser uma pessoa alfabetizada, letrada ou analfabeta, e como esses aspectos afetam a alfabetização nos anos iniciais, prorrogando-se até o Ensino Fundamental II. É de fundamental importância proporcionar aos alunos uma forma eficiente de desenvolvimento da linguagem oral, da leitura e da escrita, porém nem sempre a escola alcança sucesso nessa meta devido a vários fatores. Com base em minha experiência pessoal como pesquisadora, nota-se dificuldades por parte dos estudantes, dos professores e também da escola, além de fatores emocionais e familiares, entre outros.

A temática tem grande influência no aprendizado e no desenvolvimento humano. Portanto, para fundamentar este trabalho, utilizarei a visão de autores especializados no assunto. Alguns desses autores incluem Delia Lerner (2002), Emília Ferrero (2017), Magda Soares (2018) e Valéria Barbosa (2007), Morais (2003), Tfouni (2005), Moratti (2008), Marcuschi (2004), Toledo (2009), Morais (2012), Kleiman (2013), Freire (2015) entre outros, que serão norteadores na construção conceitual.

Na continuidade deste trabalho, há as seguintes seções: 2. Alfabetização e Letramento; Definições; 3. A importância da consolidação da alfabetização e letramento; 4. Dados sobre a alfabetização e letramento no Brasil; 5. A necessidade da continuidade da alfabetização e letramento nos anos sequenciais do Ensino Fundamental; 6. Meios de medir os níveis de alfabetização e letramento no Brasil e 7. Considerações finais e Referências.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEFINIÇÕES

A fundamentação teórica do presente trabalho foi desenvolvida a partir das contribuições que destacam como o domínio da leitura e da escrita está cada vez mais presente no cotidiano escolar e na sociedade como um todo. Além disso, a preocupação vai além do simples domínio dessas práticas: é necessário formar leitores e produtores competentes de textos para as diversas práticas sociais do dia a dia. Diante dessas perspectivas, busca-se aqui alguns autores que discutem a 'Alfabetização e Letramento', sendo que encontramos maior relevância no contexto dos estudos de Magda Soares e Emília Ferrero. Soares faz a definição de alfabetização como:

[...] um processo de apresentação de fonemas e grafemas e vice e versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se considera "alfabetizada" uma pessoa que fosse capaz de decodificar símbolos sonoros, "lendo", por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considerariam "alfabetizada" uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (SOARES, 2010, p.16)

É comum considerarmos como alfabetizada a pessoa que lê e que escreve, no entanto, esta concepção do que é ser alfabetizado nos remete a uma questão muito mais ampla: o que é ler e escrever? Para Soares (2009), ler e escrever resume-se no ato de codificar e de decodificar. Porém a alfabetização é concebida como processo de aprendizagem da leitura e da escrita enquanto decodificação das letras e fonemas; já o letramento refere-se ao uso competente de diferentes gêneros textuais, em diferentes práticas sociais, constituídos de linguagem verbal, escrita, mas não apenas, sobretudo nos dias de hoje os textos são cada vez mais multimodais, com ícones, imagens em movimento, sons, diferentes fontes etc.

Soares (2009, p. 47) diz que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

A partir dessas palavras da autora, percebemos que a alfabetização e letramento são processos entrelaçados, sendo que a alfabetização se completa quando o sujeito já domina o sistema de escrita e consegue gêneros elementares de comunicação escrita e os letramentos, se prolonga ao longo da vida, na medida que novas demandas por novos gêneros textuais acontecem. Considero importante

ressaltar as considerações de Moraes sobre a alfabetização, que apresenta de forma sucinta as características de um leitor eficiente:

O leitor eficiente, nessa concepção, poderia ser caracterizado como sendo aquele que faz uso das pistas grafofônicas, sintáticas e semânticas do texto e, utilizando-se de estratégias de predição, confirmação e integração, chega ao significado do texto escrito.” (MORAIS, 1997, p.51)

E para enfatizar essa alfabetização que traga significado como citado, Soares (2018) ressalta que isso não ocorreria por métodos separados, mas de uma junção, quando ministradas por alfabetizadores que assimilam os fatores linguísticos, cognitivos e sociais, no processo de alfabetização. Baseados neles, progridem com atividades que estimulam e orientam o aprendizado dos alunos com as letras e mais letramentos, progressivamente, para que não evoluam para os anos posteriores com grandes dificuldades.

A ideia implícita no conceito de alfabetização é adquirir habilidades de alfabetização. Mas leitura e a escrita estão inseridas em contextos sociais, culturais, políticos, econômicos, linguísticos, tanto individualmente quanto dentro de suas comunidades sociais. Nessa perspectiva:

Ao mesmo tempo que vai aprendendo a codificar e decodificar, a criança vá também aprendendo a compreender e interpretar textos, de início lidos por ela mesma, e a produzir textos, de início em escrita inventada, aos poucos em frases, em pequenos textos de diferentes gêneros, ditados para o alfabetizador(a), que atua como escriba, ou escritos por ela mesma. Em outras palavras, a criança se insere no mundo da escrita tal como ele é: Em outras palavras com base em textos reais que lhe foram lidos, que compreenderam e interpretaram palavras destacadas desses textos, portanto contextualizadas, não palavras artificialmente agrupadas em pseudotextos, não mais que pretextos para servir à aprendizagem de relações grafema-fonema; e ao mesmo tempo vai aprendendo a identificar os usos sociais e culturais da leitura e da escrita, vivenciando diferentes eventos de letramento e conhecendo vários tipos e gêneros textuais, vários suportes da escrita: alfabetizar letrando.” (SOARES, 2018, p. 350)

Segundo Magda Soares (2003, p. 33) “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Nesse sentido, o ensino de leitura e de escrita, baseado em letramentos, deve contar com um conjunto de práticas em diálogo com o contexto social que o estudante interage através/a partir da escrita, com as tecnologias específicas dos gêneros em questão.

É importante compreender a escrita como uma prática social, não apenas como um processo de transcrição da linguagem falada, mas também reconhecer seu uso e função como parte da construção pessoal e social da expressão humana.

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (KLEIMAN, 2013, p.16-17).

Para tanto, cuidados são necessários ao conduzir a alfabetização, de acordo com os letramentos que a criança já tem, mesmo que iniciais como reconhecer um fonema ou uma vogal ou qualquer outro elemento das letras. De acordo com Soares:

A criança não tendo ainda domínio do sistema alfabético, utiliza como pista para leitura, apenas algumas letras correspondentes aos sons mais salientes da palavra, particularmente as consoantes e vogais cujos nomes são percebidos nas palavras. Nesta fase a criança, quando tenta ler, prende-se a representações parciais das palavras, pronunciando fonemas correspondentes as letras que conhece. (SOARES, 2016, p.76)

Enquanto fenômeno social, a língua tem suas complexidades. Assim, para o processo de ensino e aprendizagem apresentar-se eficiente, depende de diversos fatores. A situação no Brasil infelizmente é de insucesso nessa etapa da vida escolar, com relatos de estudantes avançando para o Fundamental II sem saber ler, além dos índices oficiais que mostram que a situação pode ser muito pior.

É importante ressaltar que a leitura é essencial para a aprendizagem dos demais conteúdos escolares, impactando na formação acadêmica e na formação crítica dos futuros cidadãos e profissionais. De acordo com Castell (1986) o alfabetismo funcional envolve o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita para a realização de tarefas cotidianas e para fins específicos no mundo profissional e na vida em comunidade, ou seja, trata-se de leitura e escrita em práticas sociais contextuais dos sujeitos. Dessa forma, entendemos a expressão utilizada nos índices governamentais como letramentos. Entendemos ainda que medir uma pluralidade de letramentos de 200 milhões de habitantes seria extremamente complicado. Dessa forma, nos contentamos em trazer observações sobre as instituições nesses processos, a partir dos conceitos apresentados.

De acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)¹, uma pessoa é funcionalmente alfabetizada quando atinge um certo nível de letramento e numeramento. De acordo com INAF o letramento refere-se à capacidade de ler e escrever em diferentes gêneros com coerência e compreensão crítica, com diferentes suportes e formatos. O numeramento é a capacidade de construir o raciocínio e aplicar conceitos numéricos simples, a capacidade de usar a matemática para atender às necessidades cotidianas.

De acordo com o INAF de 2023, nos últimos 20 anos a taxa de analfabetismo funcional diminuiu de 40% para 30%, apesar de uma melhora no nível mínimo. No entanto, o índice de proficiência manteve-se constante ao longo da série histórica. Isso sugere que os benefícios se acumulam nos estágios primário e intermediário, que deveriam ser apenas estágios de transição.

É considerado uma pessoa analfabeta quando não consegue com compreensão ler e escrever uma declaração curta e simples sobre sua vida cotidiana e também quando não pode se envolver em todas as atividades em que a alfabetização é necessária para o funcionamento eficaz de seu grupo e comunidade, e também para permitir que continue a usar a leitura, a escrita e os cálculos para o seu próprio desenvolvimento e o da comunidade. (KLEIMAN, 2013, pág.24).

Essa definição de Kleimam é diferente de analfabetismo funcional, ela está se referindo a uma pessoa que não sabe nem ler e nem escrever.

O analfabetismo funcional é caracterizado por indivíduos que apresentam incapacidade de compreender textos e realizar operações matemáticas simples, bem como de organizar o pensamento para expressar, por exemplo, um argumento. Essa condição não se refere necessariamente a alguém que não sabe ler ou escrever, mas sim a alguém que enfrenta dificuldades para compreender, utilizar e refletir sobre informações escritas.

Uma das principais diferenças entre um analfabeto e um analfabeto funcional reside na qualidade do domínio da leitura e da escrita, ou seja, na posse de habilidades de letramento consideradas essenciais para viver em uma sociedade letrada. Enquanto um indivíduo alfabetizado possui a capacidade de decodificar e codificar o sistema de escrita, um indivíduo letrado vai além, sendo capaz de utilizar a língua no seu cotidiano e em diferentes contextos.

¹ <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>.

Com base nas considerações anteriores, há um grande número de alunos que chegam ao 6º ano e continuam enfrentando dificuldades nas tarefas escolares, devido à falta de domínio da leitura e da escrita. Para o professor especialista nessa fase escolar, falta tempo para alfabetizar, uma vez que é necessário cumprir a grade curricular exigida por cada disciplina.

Dessa forma, a prática da alfabetização se torna distante para os professores, e o aluno não obtém bons resultados em suas atividades e avaliações necessárias para seu desenvolvimento, o que resulta em reprovações e causa transtornos para a escola e para o próprio estudante, que pode desistir da sala de aula por não obter sucesso em sua aprendizagem.

De acordo com Tfouni (2005), é importante destacar que um número significativo de pré-adolescentes e adolescentes enfrentam dificuldades de letramento nos anos do Ensino Fundamental II, decorrentes de um processo de alfabetização difícil vivenciado no Ensino Fundamental I. Isso nos leva a refletir e voltar nossa atenção para os anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando o futuro desses alunos que enfrentam problemas em relação ao letramento e à alfabetização, refletindo uma dificuldade de aprendizagem por parte deles. Nesses casos, a falta de motivação para a aprendizagem geralmente resulta em uma trajetória estudantil de insucesso, trazendo muitas consequências negativas, sendo importante identificar esses problemas o mais cedo possível para evitar o chamado 'fracasso escolar', entendido como a não aquisição de conhecimento.

De acordo com a professora Telma Vinha (2016):

Pesquisas indicam que muitos educadores atribuem aos pais as causas dos problemas de aprendizado, e ainda segundo ela, o 'fracasso escolar' também é atribuído a fatores externos à instituição. Poucos são os estudos que consideram aspectos pedagógicos e interpessoais como questões a serem consideradas (VINHA, 2016, pág. 21).

Rosing (2007 pág. 12) destaca que o ensino das construções teóricas sobre a aprendizagem da leitura e da escrita, disponíveis atualmente, requer um modelo de formação de professores que abranja os novos paradigmas e, ao mesmo tempo, lide com a longa história de fracasso escolar na alfabetização. Não devemos esquecer que, além de tudo isso, há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações e age sobre o real para torná-lo seu.

Uma abordagem reflexiva do tema seria direcionar nossa atenção para esse sujeito, analisando-o com minúcia diante de um fator tão significativo como a

alfabetização e o letramento para o decorrer da vida. No próximo capítulo, serão abordadas questões sobre a importância da consolidação da alfabetização e do letramento.

3. IMPORTÂNCIA DA CONSOLIDAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e os letramentos, em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, é a pedra angular do desenvolvimento humano, pois são a chave para a garantia de direitos, bem como se especializar para o trabalho. O sucesso nessa etapa leva a uma vida melhor, saúde melhor, melhores oportunidades de emprego, sociedades mais seguras e estáveis. Assim, aprender a ler no ensino fundamental é indispensável, começando pelo quão essencial se faz nas aprendizagens de todos os conteúdos escolares.

Em muitos países, a mera capacidade de escrever o próprio nome e ser capaz de ler o próprio nome escrito em um idioma é considerada alfabetização.

A alfabetização empodera e liberta as pessoas. Além de sua importância como parte do direito à educação, a alfabetização melhora a vida ao expandir as capacidades que, por sua vez, reduz a pobreza, aumenta a participação no mercado de trabalho e tem efeitos positivos na saúde e no desenvolvimento sustentável. (LIMA 2002, pág. 33).

Street (2014) cita que os pilares das habilidades de linguagem e leitura, o desenvolvimento da alfabetização é um momento crucial na vida de uma criança. Os educadores precisam entender por que o desenvolvimento da alfabetização é tão importante para ajudar efetivamente as crianças em cada estágio do desenvolvimento inicial da alfabetização.

Todos os educadores têm um papel fundamental para garantir que todas as crianças aprendam a ler e escrever. Os benefícios da leitura vão além das habilidades de linguagem e alfabetização. A leitura pode incentivar as crianças a serem intelectualmente curiosas, inspirar a resolução de problemas, promover a empatia, aumentar a autoestima e ajudá-las a entender o mundo e a se conectar com as pessoas ao seu redor. (MORAIS, 2012, p.22).

Para Toledo (2009, p.31) estas são apenas algumas razões pelas quais o desenvolvimento da alfabetização precoce é importante:

- Crianças com habilidades de leitura confiantes geralmente lutam menos com seus estudos e têm uma abordagem confiante em sua educação.

- Fortes habilidades de alfabetização se traduzem bem em aprendizado independente e incentivam o crescimento consistente dentro e fora da sala de aula.
- O desenvolvimento da alfabetização afeta a maneira como os alunos se comunicam e resolvem problemas. Aqueles com fortes habilidades de alfabetização geralmente têm melhor capacidade cognitiva (TOLETO, 2009, pág.32).

Compreende-se que alfabetização é a condição do indivíduo, criança ou adulto entre no mundo da escrita e não só saiba ler e escrever, mas adquira a capacidade de decodificar e codificar sistemas de escrita, mas o mais importante, de utilizar verdadeiramente aproveitar ao máximo todas as funções que a escrita tem em nossa sociedade, e uma ferramenta na luta pela cidadania.

O desenvolvimento da alfabetização é o processo de aprender palavras, sons e linguagem. As crianças desenvolvem habilidades de alfabetização para aprender a ler e escrever com confiança e, eventualmente, melhorar suas habilidades de comunicação em geral. Os estágios de desenvolvimento da alfabetização pelos quais uma criança passa podem variar dependendo dos níveis de compreensão da criança, mas geralmente incluem os mesmos conceitos-chave ao longo do caminho. Compreender o desenvolvimento da alfabetização em crianças como educador é fundamental para ajudar as crianças a dominar essas habilidades básicas que as preparam para sua educação. (TOLEDO, 2009, p.33).

Os alunos estão saindo do ensino fundamental para os anos finais do ensino médio sem alcançar o que é leitura, logo não conseguem se posicionar diante dos contextos da sociedade, ou ter voz ativa, contradizendo o conceito de alfabetização e seus processos como citado acima dando origem aos analfabetos funcionais.

Rojo (2013) menciona que a escrita envolve transcrição (ortografia e caligrafia) e composição (articular ideias e estruturá-las na fala, antes da escrita). Da mesma forma que as habilidades de alfabetização em leitura, há muitas habilidades diferentes de alfabetização em escrita que se juntam para formar a alfabetização escrita.

Quebrar partes da linguagem ajuda as crianças a entendê-la com mais clareza. Torna-se os blocos de construção de como eles aprendem. Essas partes da linguagem são aprendidas intuitivamente ouvindo seus pais e outras pessoas ao seu redor falarem. (TOLEDO, 2009, p.88)

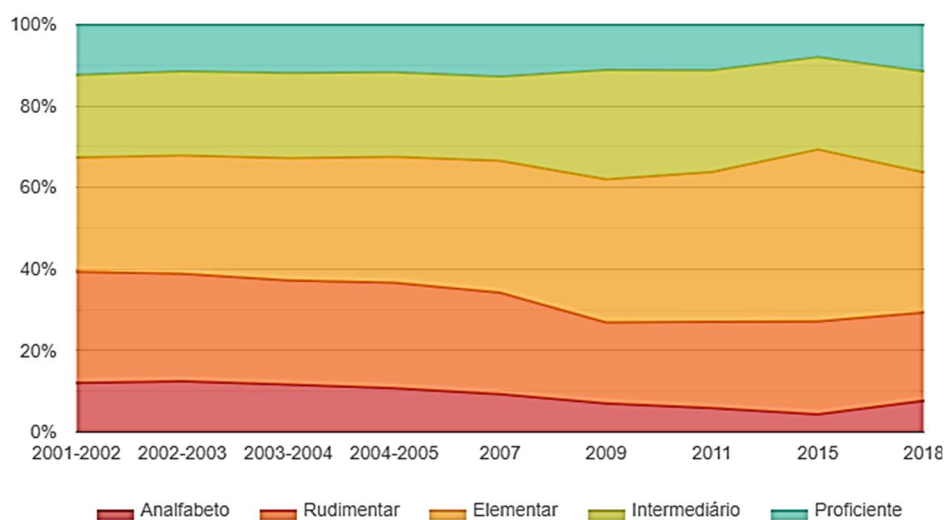
Nas últimas décadas, houve um grande investimento global na melhoria do acesso das crianças à educação, com foco na infraestrutura educacional, em países vulneráveis. No entanto, de acordo com o Relatório GEM da UNESCO³ de 2014, 250 milhões de crianças não estão aprendendo habilidades básicas de alfabetização e

letramento, embora metade tenha frequentado a escola por pelo menos quatro anos. Esses dados mostram que um grande número de escolas nem sempre pode garantir que os alunos estejam aprendendo bem. O capítulo em sequência fará uma abordagem sobre os dados da alfabetização e letramento no Brasil.

4. DADOS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO BRASIL

Resultados obtidos em dez edições do INAF em um período de 17 anos mostram uma redução significativa no número de brasileiros totalmente analfabetos, de 12% em 2001-2002 para 7,74% em 2018 – mesmo na edição de 2018 observada dentro da margem de erro. Ainda de acordo com INAF o percentual de brasileiros (que utilizam pouco leitura, escrita e matemática em seu trabalho diário) também caiu ao longo dos anos, passando de 27% em 2001-2002 para um patamar de estabilidade de pouco mais de 20%.

GRÁFICO 1 – PERCENTUAL DE ANALFABETISMO DOS BRASILEIROS ENTRE OS ANOS DE 2001 Á 2018

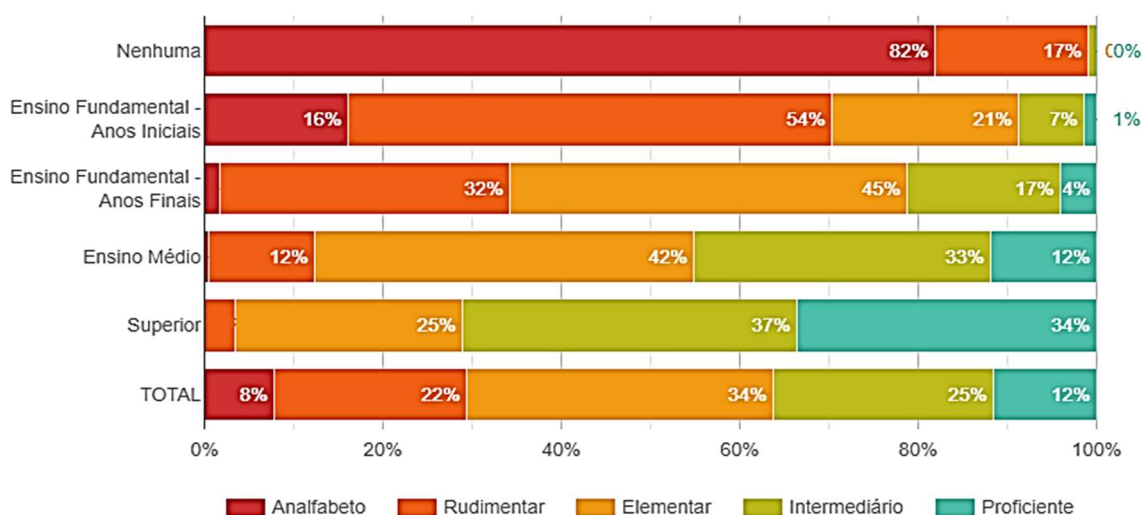


FONTE: INAF, 2018.

É um consenso que a educação é o principal motor do aumento dos níveis de alfabetização. Mesmo assim, o INAF mostra que, apesar de mais escolaridade, um

grande número de pessoas ainda não consegue alcançar a alfabetização geral. Sete em cada 10 daqueles que frequentaram apenas os primeiros anos da escola primária ainda eram analfabetos funcionais, e 21% só haviam concluído o nível primário.

GRÁFICO 2 – ALFABETISMO POR NÍVEIS DE ESCOLARIDADE



FONTE: INAF, 2018.

Entre homens e mulheres brasileiros de 15 a 64 anos, 9% dos alunos que concluíram os primeiros quatro anos do programa básico consolidaram suas habilidades de alfabetização, apesar de terem pouca ou nenhuma escolaridade. Quase metade (49%) dos que cursavam o ensino fundamental, classificados pela escala do INAF, ingressam ou concluem o ensino médio e 13% cursavam ou tinham ensino superior.

Os mais jovens têm nível de alfabetismo funcional significativamente superior ao dos segmentos de idades mais avançadas, um reflexo de políticas educacionais de expansão do atendimento na Educação Básica de crianças e adolescentes nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, ficam evidentes os fracos resultados das políticas educacionais voltadas aos adultos.

Segundo o IBGE⁴ 11,8 milhões de pessoas não alfabetizadas no Brasil e o número alerta para fragilidade dessas pessoas, em termos de acesso a direitos, bens, culturas etc. Trata-se de um número com raiz histórica, que mesmo demandando atenção desde sempre, as políticas públicas de alfabetização não conseguiram diminuir.

As políticas de erradicação do analfabetismo no Brasil vêm avançando nas últimas décadas de maneira lenta e frágil, evidenciando a magnitude da natureza do problema, que envolve não apenas a precariedade do universo escolar, mas o peso das diferenças socioeconômicas e raciais, historicamente presentes no país (HADDAD; SIQUEIRA, 2015, p 26)

A alfabetização tem como foco colaborar com ações e recursos para melhorar a alfabetização em língua portuguesa das crianças até o terceiro ano do ensino fundamental e o programa visa cooperação e participação de professores para a capacitação para aprimorar os conhecimentos sobre a adequação e inserção de um ensino de qualidade na sala de aula.

Já o caderno de apresentação da PNA consolida uma série de indicadores educacionais, entre eles os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)², feita em 2016 que contabiliza que 54,73 de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3º Ano do ensino fundamental apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência da leitura. No novo objetivo do PNA de acordo com o MEC (Ministério de Educação e Cultura) (2023) é que todas as crianças brasileiras cheguem ao segundo ano do ensino fundamental sabendo ler e escrever. O programa prevê ações para corrigir deficiências provocadas pela pandemia. O ministério vai oferecer mais de 7 mil bolsas de capacitação para professores e pretende investir R\$ 3 bilhões até 2026.

5 A NECESSIDADE DA CONTINUIDADE DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS SEQUENCIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura é fundamental para a educação, pois boa parte do nosso conhecimento está registrado de forma textual. Assim, proficiência em leitura e escrita é vital para o sucesso dos alunos, pois ampliam as esferas de interação e, conseqüentemente, aprendizagem. De acordo com Morais (2012), os alunos que acham difícil aprender a ler provavelmente terão dificuldades em todo o currículo, já que o português é tanto um assunto em si quanto o meio de ensino.

Essa orientação explica por que os próprios professores também precisam ter diversos letramentos, além de, obviamente, entender o código alfabético, pois a

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>. Acesso em 15/07/2023.

interação, a comunicação e a construção do conhecimento de maneira geral, em todas as áreas do conhecimento, se dão por meio da língua, que se realiza em diferentes gêneros textuais.

Embora a alfabetização ocorra na área de aprendizagem do português, preferencialmente no ensino fundamental, o letramento é fortalecido, torna-se específico e estendido em outras áreas de aprendizagem, inclusive no ensino médio, à medida que os alunos se envolvem em uma série de atividades de aprendizagem com demandas significativas de alfabetização, com gêneros textuais mais complexos e variados.

De acordo com Soares (2014), à medida que os alunos participam de investigações, eles aprendem a fazer perguntas específicas da disciplina e a aplicar o conhecimento participativo em discussões e debates. Eles aprendem a avaliar os textos quanto a nuances de significado, sentimento e opinião, e desenvolvem pontos de vista considerados, comunicando conclusões e futuros preferidos para uma variedade de públicos.

Moratti (2008) destaca que, na área de história, os alunos aprendem progressivamente a usar uma ampla gama de textos informativos, persuasivos e imaginativos em vários modos. Esses textos, que incluem histórias, narrativas, recontagens, relatórios, listas, explicações, argumentos, ilustrações, linhas do tempo, mapas, tabelas, gráficos, fotografias e imagens, são frequentemente apoiados por referências e citações de fontes primárias e secundárias.

Os alunos aprendem a fazer escolhas de linguagem e texto cada vez mais sofisticadas, entendendo que a linguagem varia de acordo com o contexto, e desenvolvem sua capacidade de usar a linguagem de forma flexível. Conforme Marcuschi (2004), eles aprendem a usar recursos de linguagem e estruturas de texto para compreender e compor textos coesos sobre o passado, presente e futuro, incluindo vocabulário específico do tópico, verbos de tempo apropriado para relatar eventos e processos, frases complexas para estabelecer relações sequenciais, de causa e efeito e comparativas, características e estruturas de textos persuasivos, e uso amplo de advérbios que descrevem pessoas, lugares, eventos e perspectivas, além de grupos substantivos estendidos usando adjetivos descritivos. Marcuschi (2004) cita que:

Em geografia, os alunos desenvolvem a capacidade de letramento à medida que aprendem a construir conhecimento e compreensão geográfica, explorar, discutir, analisar e comunicar informações, conceitos e ideias geográficas.

Eles usam uma ampla gama de textos informativos e literários, como entrevistas, reportagens, histórias, fotografias e mapas, para ajudá-los a entender os lugares que compõem nosso mundo, aprendendo a avaliar esses textos e reconhecendo como a linguagem e as imagens podem ser usadas para criar e manipular significados (MARCUSHI, 2004, pág.32).

O aluno letrado desenvolve habilidades orais e escritas, fazendo escolhas cada vez mais sofisticadas de linguagem e texto. Eles entendem que a linguagem varia de acordo com o contexto e desenvolvem sua capacidade de usar a linguagem de forma flexível. Segundo Soares (2020), eles usam a linguagem para fazer perguntas distintamente geográficas. Eles planejam investigações geográficas, coletam e avaliam informações, comunicam suas descobertas, refletem sobre a condução de suas investigações e respondem ao que aprenderam. Os alunos aprendem progressivamente a usar os modos de escrita científicos e expressivos da geografia e o vocabulário da disciplina, incluindo frases complexas para estabelecer relações sequenciais, de causa e efeito e comparativas, além do amplo uso de advérbios e adjetivos que descrevem lugares, pessoas, eventos, processos, sistemas e perspectivas.

Em artes, os alunos usam o letramento para desenvolver, aplicar e comunicar seus conhecimentos e habilidades como artistas e como público. Conforme Soares (2020):

Ao fazer e responder, os alunos aprimoram e ampliam suas habilidades, criando, compondo, projetando, analisando, compreendendo, discutindo, interpretando e avaliando suas próprias obras de arte e as de outros. Cada disciplina de Artes exige que os alunos aprendam e usem terminologia específica de complexidade crescente à medida que avançam no currículo. Os alunos entendem que as terminologias das Artes variam de acordo com o contexto e desenvolvem sua capacidade de usar a linguagem de forma dinâmica e flexível (SOARES, 2020, pág.31).

Rojo (2013) destaca que, por meio do letramento, os alunos entendem a linguagem usada para se comunicar e se conectar respeitosamente com outras pessoas, descrevem seu próprio estado de saúde, bem como produtos, informações e serviços. Eles também desenvolvem habilidades que os capacitam a serem consumidores críticos capazes de acessar, interpretar, analisar, desafiar e avaliar a base de conhecimento em constante expansão e mudança e as influências nas áreas de saúde e educação física. Em ambientes de atividade física, como consumidores, intérpretes e espectadores, os alunos desenvolvem uma compreensão da linguagem

do movimento e das ciências do movimento. Isso é essencial para analisar o movimento e os níveis de condicionamento físico, tanto para si quanto para os outros.

Em matemática, os alunos aprendem o vocabulário associado a números, espaço, medição e conceitos e processos matemáticos. Toledo (2009) menciona que esse vocabulário inclui sinônimos, terminologia técnica, voz passiva e palavras comuns com significados específicos em um contexto matemático. Os alunos desenvolvem a capacidade de criar e interpretar uma variedade de textos típicos da matemática, desde calendários e mapas até apresentações de dados complexos. Os alunos usam o letramento para entender e interpretar problemas em formato de palavras e instruções que contêm os recursos de linguagem específicos da matemática. Eles utilizam o letramento para fazer e responder perguntas, se envolver na resolução de problemas matemáticos e discutir, produzir e explicar soluções.

De acordo com Lira (2006), o desenvolvimento de habilidades críticas de letramento relacionadas ao local de trabalho é essencial para que os alunos se tornem participantes efetivos da força de trabalho, capazes de acessar, interpretar, analisar, desafiar e avaliar o conhecimento e as habilidades necessárias em um mundo de trabalho em constante crescimento e mudança. O próximo capítulo apresentará algumas estratégias para atender aos alunos que estão em defasagem na alfabetização e letramento.

6. MEIOS DE MEDIR OS NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO BRASIL

Definir a linha entre desigualdades naturais no ritmo de aprendizagem e diferenciais problemáticas é um assunto com o qual estudos têm sido realizados. A lacuna é entendida como a distância entre o que um aluno sabe em uma determinada idade ou série da educação básica e o que ele deveria saber para continuar progredindo.

Em geral, o que os alunos devem saber é definido por documentos como o currículo escolar ou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que passam a determinar quais objetivos de aprendizagem precisam ser alcançados a cada ano, especificamente em todos os conteúdos. As habilidades são descritas em cada componente. As avaliações externas, como a Prova Brasil, têm descritores como balizadores para mensurar esse aprendizado. Há sempre um julgamento que pode

ser discutível. As avaliações são elaboradas para descrever o conhecimento e as habilidades de um aluno e, posteriormente, interpretar os resultados para determinar se ele atingiu o nível de conhecimento esperado para uma determinada série.

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é um conjunto de avaliações aplicadas aos alunos do Ensino Básico com a intenção de realizar um diagnóstico da realidade da educação. Os acadêmicos começaram com as quatro classificações de desempenho em língua portuguesa e matemática da Prova Brasil - inadequado, básico, proficiente e avançado - e definiram que apenas os alunos das categorias "proficiente" e "avançado" realmente atendiam aos requisitos de aprendizagem para aquela série encontrados na BNCC. Mesmo aqueles que alcançam notas comparáveis ao básico muitas vezes estão longe do ideal. No 5º ano, um aluno assim pode dominar algumas operações aritméticas básicas, mas não consegue aplicá-las em diferentes situações. Colocando os resultados da Prova Brasil de 2015 nessa escala, apenas 50% dos alunos do quinto ano tiveram um nível de leitura adequado e 39% tiveram um nível adequado de matemática. Na 9ª série, o português cai para 30% e a matemática para 14%.

Antes de desenvolver um plano de ação para alunos com dificuldades de aprendizagem, a gestão escolar precisa entender a situação de cada aluno. Do lado do conteúdo, uma avaliação diagnóstica pode ser feita para descobrir onde a turma tem dificuldades. No entanto, como mencionado anteriormente, é necessário entender se existem fatores externos relacionados à vida do aluno que interferem no desenvolvimento.

De acordo com Fante (2008), a escola precisa criar um vínculo de confiança e acolhimento com o aluno para que ele fique livre para buscar ajuda caso seja necessário, como em uma situação de bullying. Nesse sentido, as escolas podem viabilizar rodas de debate com os alunos e/ou disponibilizar espaço reservado para os alunos conversarem com a equipe docente.

Em alguns casos, a falta de motivação para aprender pode ser resultado de uma abordagem padronizada e rígida que não leva em consideração as necessidades e o potencial individual dos alunos. Afinal, cada um tem seu próprio ritmo de aprendizado. Para atrair a atenção do aluno e motivá-lo, as escolas podem utilizar o ensino personalizado. Usando diferentes ferramentas e metodologias, o ensino pode ser mais flexível de acordo com as características, competências e habilidades individuais. No caso do ensino de línguas, a complexidade dos gêneros é progressiva,

já que os letramentos vão sendo introduzidos de acordo com a vida e suas necessidades na vida dos sujeitos.

Em alguns casos, não basta incluir equipes pedagógicas e professores nos planos de ação para alunos com dificuldades de aprendizagem. Isso ocorre, segundo Souza (1996), porque os alunos podem enfrentar situações fora da escola. Por exemplo, ter um psicopedagogo na escola é importante para alunos com dificuldades de aprendizagem, além de profissionais com carga horária e formação adequadas para o trabalho de excelência que a situação exige.

Além dos componentes cognitivos e escolar os planos de ação para alunos com dificuldades de aprendizagem também precisam trabalhar as competências e habilidades socioemocionais dos alunos, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elenca como essenciais na educação básica. As habilidades socioemocionais são um conjunto de habilidades relacionadas aos aspectos emocionais e sociais de cada indivíduo, mas, em contrapartida, as escolas dificilmente possuem uma equipe interdisciplinar com psicólogos e assistentes sociais para trabalhar com ênfase nesses aspectos.

As ações de intervenção pedagógica têm o objetivo de reduzir as dificuldades dos alunos antes que se tornem problemas graves de aprendizagem. De acordo com Pinto (2003), os professores precisam estar atentos aos primeiros sinais que indiquem a necessidade de intervir e agir de imediato. Esses alunos precisam receber uma ajuda pedagógica diferenciada, que reúna professores, coordenador pedagógico, diretor e famílias, e ainda diz sobre a necessidade de substituir a avaliação genérica "não sabem ler e escrever" por uma mais minuciosa, mostrando o que eles sabem e o que podem aprender, apresentando que se deve planejar um conjunto de ações voltadas a tempos didáticos distintos como intervenção em sala de aula, como realização de atividades diferenciadas, e ações no contraturno, com ampliação do tempo de ensino.

Mas precisamos levar em conta não só possíveis soluções, mas também a necessidade de encontrar as causas reais ou as razões que levam o estudante a passar anos afins dentro da escola e ainda assim não adquirir o domínio do básico que se almeja que ele aprenda, que seria o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, tínhamos o objetivo de responder a seguinte pergunta: *Quais fatores auxiliam no processo de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental em relação à alfabetização e letramento?* Ao concluir o estudo, compreendemos que letramento deve ser compreendido como uma continuidade da alfabetização, necessária ao longo de toda vida escolar, com impactos diretos em todos os conteúdos escolares, bem como na aplicação desse conhecimento. Apesar de ser uma fase em que se espera que os alunos sejam capazes de ler, interpretar, discutir e desenvolver pensamento crítico, observou-se que o processo de alfabetização e letramento precisa ser presente, como demonstrado pelos dados de analfabetismo funcional do item IV.

A alfabetização não é um evento isolado e deve envolver os contextos com seus letramentos. A parte da alfabetização se define em um conceito tradicional como um conjunto de habilidades de leitura, escrita e contagem, já o letramento também é compreendido como um meio de identificação, compreensão, interpretação, criação e comunicação em um mundo cada vez mais digital, onde o texto desempenha um papel central, repleto de informações e em constante mudança, sempre ancorado na interação das práticas sociais, da realidade.

Neste trabalho, destacamos o letramento como o uso habilidoso da leitura e escrita em contextos sociais diversos, que envolve a inferência de significados e proporciona interações realistas entre os sujeitos, que são os participantes dos discursos.

Com base nessa perspectiva, é fundamental que as escolas busquem abordar seus alunos de uma maneira contextualizada, com textos úteis na vida real, ligados aos cotidianos dos estudantes, considerando o processo de formação da linguagem e investigando as possíveis causas das defasagens observadas.

Existe uma grande necessidade de aprofundar as pesquisas sobre esse tema, uma vez que tais estudos oferecem a oportunidade de atualizar as práticas pedagógicas e, de fato, promover o desenvolvimento de uma sociedade em que as pessoas cultivem o hábito da leitura em busca de uma cidadania crítica, autônoma e ética. À medida que os indivíduos se tornam leitores proficientes, a prática da leitura e escrita se expande gradualmente.

Concluimos que a prática docente deve ser mais direcionada de acordo com as necessidades dos alunos e situações reais, utilizando métodos específicos e eficazes. Dessa forma, garantiremos que a compreensão dos alunos sobre o mundo, a cultura, a sociedade e as pessoas não sejam prejudicadas. Buscar a melhoria da qualidade da educação significa, na verdade, formar alunos que sejam leitores e escritores competentes, capazes de compreender verdadeiramente a sociedade em que vivem por meio da leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

- CASTELL, S; LUKE, A. & MACLENNAN. "**On defining literacy**". In: CASTELL, S. LUKE, A. & EGAN, K. (eds.). *Literacy, Society and Schooling: A reader* Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- FANTE, Cleo & PEDRA, José Augustos. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50.ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro e São Paulo, 2015.
- INAF. **Indicador de Alfabetismo Funcional (2018)**. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em 20/05/2023.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- LIMA, Elvira Souza. **Quando a Criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Grupo de Estudos do Desenvolvimento Humano, 2002.
- LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando: uma experiência na Pastoral da Criança**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- PINTO, Maria Alice Leite (org). **Psicopedagogia diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2013.
- SAEB, Ana. **Sistema de Avaliação da Educação Básica: Avaliação Nacional de Alfabetização**. INEP, 2017. Disponível em: www.portal.inep.gov.br/ouana.resultados@inep.gov.br. Acesso em 04/01/2023.
- SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. Formação de rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as. Caderno Cenpec, São Paulo, v.4, n.2, p.146-173, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18676/2237-998322014294>. Acesso em 22/01/2023.
- SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.25, p.5-17, 2004. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/51413-24782004000100002>. Acesso em 22/01/2023.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em Três Gêneros**- 3ª ed.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p. ISBN: 978-85-86583-16-2 1. Alfabetização 2. Leitura. 3 Escrita I- Título.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem** – Crianças de 8 a 11 anos. Bauru: EDUSC, 1996.

STREET, Brian Vincent. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2005.

TOLEDO, L. S. **Alfabetismo funcional, linguagem e inclusão social**. Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos. Belo Horizonte, v. 5, nº 10, p. 10 - 22, 2009.